

Um estudo no Projeto Rodarte: reflexões sobre a inserção da música no contexto de um projeto social

GTE 24 - Sociologia da Educação Musical

Comunicação

Fabício Vieira Souza
Prefeitura Municipal de Dom Viçoso, MG
fabicio.vieirasouza@gmail.com

Adriana Bozzetto
Universidade Federal do Pampa
adrianabozzetto@unipampa.edu.br

Resumo: A presente comunicação de pesquisa, construída a partir do trabalho de conclusão de curso de graduação (SOUZA, 2015), buscou compreender a inserção da música no contexto de um projeto social situado no município de Bagé, RS. Por meio da abordagem qualitativa, foram realizadas observações no campo de pesquisa, registro em diários de campo e entrevistas com a coordenação e os professores de música atuantes no referido projeto, de modo a compreender as perspectivas dos envolvidos sobre o fazer musical e os objetivos com o ensino de música nesse contexto específico, que se revela como um campo fértil de atuação para educadores musicais, conforme apontam os estudos de Hikiji (2006), Bozzetto (2012) e Kleber (2014). Os resultados, analisados a partir de autores que discutem a dimensão da música em relação à educação em projetos sociais (SOUZA; FREITAS; FIALHO; NASCIMENTO, 2014), revelam como as concepções e as metodologias para o ensino de música neste espaço do Projeto Rodarte são desenvolvidas a partir do respeito às diferenças e do entendimento da condição social dos discentes.

Palavras-chave: projetos sociais; ensino de música; metodologias e concepções de ensino.

Introdução

O objetivo da presente comunicação, baseada em pesquisa de abordagem qualitativa desenvolvida no âmbito de um Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Música – Licenciatura (SOUZA, 2015), foi conhecer e refletir sobre práticas musicais desenvolvidas em um projeto social na cidade de Bagé, RS. Como objetivos específicos, buscou-se conhecer metodologias de ensino desenvolvidas, repertório musical e instrumentos musicais disponíveis no projeto em estudo, assim como compreender relações pessoais construídas no ambiente do projeto e objetivos com as aulas de música. Nessa direção, o estudo contribui para construir um olhar atento e sensível sobre as políticas dos

projetos sociais e das pessoas que nele atuam, a partir das concepções dos professores atuantes com música no referido projeto.

Conforme aponta Hikiji (2006, p. 72), “a partir da década de 1990, é notável o crescimento na oferta de projetos com atividades de arte-educação para grupos de crianças e jovens em comunidades de baixa renda, também denominados ‘em situação de risco’”. Olhar para os projetos sociais é, também, uma ação política, visto que se trata de uma política pública voltada geralmente às minorias da sociedade. De acordo com Souza (2014), diversos projetos sociais:

[...] são destinados a pessoas que são excluídas ou ‘menos visíveis’ para a sociedade, como pessoas idosas, jovens, crianças, mulheres, negros, integrantes da comunidade LGBT, trazendo as questões de gênero, raça, geração, entre outras. Assim, as concepções pedagógicas presentes nos projetos sociais passam a considerar a diversidade e a heterogeneidade como regra e não como exceção (SOUZA, 2014, p. 20).

Ao longo do trabalho de inserção no Projeto Rodarte, campo do presente estudo, foram realizadas observações e conversas com professores, discentes e coordenadoras, a partir das quais emergiram algumas questões: quais são as diferentes motivações das pessoas que participam do projeto social com a música? Como esse projeto se sustenta? De que forma as relações pessoais caracterizam o trabalho no projeto social? Qual a formação dos profissionais que atuam com música no Projeto Rodarte? Quais metodologias de ensino são trabalhadas pelos professores? Quais são dificuldades e desafios encontrados?

A revisão de literatura envolvendo o tema “música e/em projetos sociais” contribuiu para abrir perspectivas e compreensões sobre o tema, apontando pesquisas já realizadas e ampliando a visão sobre diferentes concepções de música no contexto dos projetos sociais.

Na área de educação musical, Kleber (2006) realizou dois estudos de caso em ONGs na cidade do Rio de Janeiro, refletindo sobre a pedagogia musical adotada e a constituição e instituição destes espaços para o ensino e aprendizagens musicais. A autora constatou que para promover a educação musical com objetivos sociais, as ONGs “agregaram o paradigma da instabilidade em sua ordem institucional” (KLEBER, 2006, p. 303), permitindo mudanças e adequações nas suas propostas de acordo com as ações e relações de seus protagonistas.

Em sua tese, Bozzetto (2012) procurou desvelar e compreender os projetos

educativos das famílias de jovens pertencentes a uma orquestra formada por alunos de escolas públicas municipais e estaduais da cidade de Porto Alegre, RS. A pesquisa traz perspectivas e elementos do cotidiano dos participantes da orquestra, refletindo sobre o papel da família nas suas experiências e socializações musicais apontando, também, reflexões críticas sobre a responsabilidade desses projetos sociais tanto para os jovens envolvidos quanto para suas famílias. Segundo a autora (2012, p. 266), “dar a oportunidade a uma criança e jovem, notadamente de camadas de baixa renda, é abrir um mundo de possibilidades que, com o tempo de convivência, podem se tornar uma referência de mundo social para toda uma vida” e que, para se atingir este expressivo papel com a educação musical, é preciso reconhecer a potencialidade de um trabalho pedagógico inclusivo, que mantenha viva e coerente a afirmação de que “música se aprende” (BOZZETTO, 2012, p. 266).

Para a interpretação e análise dos dados alcançados destacamos o livro “Música, educação e projetos sociais”, organizado por Jusamara Souza (2014) e outros autores. Nessa obra, os autores trazem diferentes concepções e discussões sobre espaços em que os projetos sociais são construídos. A partir da perspectiva da sociologia da educação musical, Souza (2014) discute como “pensar a música como prática social na área de educação musical” (SOUZA, 2014, p. 13). Reconhecendo o espaço dos projetos sociais como território “fronteiriço” de diversos campos de conhecimento e, também, de variados interesses políticos, a autora adverte que “sem uma análise e uma discussão político-pedagógica dos projetos, os resultados podem ser avaliados como empreendimentos (ou experiências) ‘assistencialistas’, ‘alienantes’, ‘neoliberais’” (SOUZA, 2014, p. 17).

Autores como Antônio Dias Nascimento (2014), Maria de Fátima Quintal de Freitas (2014) e Vania Malagutti Fialho (2014) também contribuíram para estabelecer relações entre o campo estudado e as questões recorrentes atualmente das pesquisas relacionadas ao “fazer musical” no contexto de projetos sociais.

Caminhos metodológicos e transformações advindas da pesquisa qualitativa

A abordagem qualitativa busca entender a realidade considerando suas constantes transformações. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 50), não “se trata de montar um quebra-cabeças cuja forma final conhecemos de antemão. Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes”. As infinitas possibilidades de perspectivas possibilitam estabelecer, mesmo sobre um objeto aparentemente estático e sólido, diferentes compreensões. Admitindo a limitação e a singularidade de nossas perspectivas, notamos que é impossível fazer uma única leitura desse objeto, qualquer que seja. Conforme Poupart et al. (2008, p. 33), “a pesquisa qualitativa não se pratica segundo um modelo único; ao contrário, seus ‘praticantes’ têm recorrido a diversas técnicas ou abordagens e também demandado diferentes modelos de análise”, que podem variar tanto com as situações quanto com os objetivos de pesquisa.

Para adentrar na realidade estudada, foram observadas aulas das oficinas de música do Projeto Rodarte, sem decidir previamente por observações livres ou participantes. Conforme Minayo (2010), a observação participante define-se como “um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica”. Nessa perspectiva, o observador “fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural” de modo a “compreender o contexto da pesquisa” (MINAYO, 2010, p. 70).

À medida que se somavam as descrições e reflexões advindas das observações, que foram se tornando participantes, foi possível focar em aspectos determinantes da constituição dos objetivos da pesquisa, rever questões e ampliar perguntas. A cada observação realizada no campo de pesquisa foram escritos diários de campo, procurando trazer na escrita os momentos vividos, possibilitando rever as situações para transver¹, gerando novas reflexões.

Tomando por base e ponto de partida as observações realizadas no campo de pesquisa, foram feitas entrevistas semiestruturadas primeiramente com as coordenadoras do Projeto Rodarte e, em seguida, com os professores de música atuantes. Minayo (2010, p. 64) considera a entrevista semiestruturada como a combinação de “perguntas fechadas e

¹ Com inspiração no poema de Manoel de Barros: “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo”, foram construídas as reflexões oriundas das observações nos diários de campo.

abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”. Conforme Laville e Dionne (1999, p. 189), “sua flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores”.

Entrevistar as coordenadoras, a coordenadora geral e a coordenadora pedagógica, antes de entrevistar os professores, possibilitou conhecer melhor o funcionamento e os objetivos do Projeto Rodarte, preparando um olhar contextualizado sobre as concepções e metodologias de ensino trazidas a partir das entrevistas com os docentes.

Foram elaborados dois roteiros de entrevista, um para as coordenadoras e outro para os professores. Os roteiros foram divididos em eixos, que consideravam a formação e as funções dos profissionais entrevistados, as características do Projeto Rodarte, as perspectivas e concepções sobre o fazer musical e os objetivos com o ensino de música. No roteiro dos professores, foi acrescentado um eixo sobre as metodologias de ensino desenvolvidas no contexto do Projeto. Estes eixos constituíram a categorização dos dados alcançados nesta pesquisa.

As entrevistas foram todas transcritas, procurando transpor todas as informações possíveis, incluindo momentos de dúvidas, interrupções e silêncios. A transcrição das entrevistas, tal qual os diários de campo, permitiu rever e refletir sobre os dados, ampliando perspectivas de análise.

Segundo as coordenadoras, o Projeto Rodarte é desenvolvido e mantido pela Secretaria Municipal de Educação e tem como principal objetivo diminuir os índices de reprovação e evasão escolar na rede municipal de ensino, através de oficinas artísticas oferecidas aos alunos com dificuldade no aprendizado. No entanto, na presente comunicação de pesquisa, o foco estará nas entrevistas realizadas com os docentes. Foram entrevistados os dois professores que trabalham com música no projeto, com a finalidade de conhecer aspectos da formação e atuação profissional, bem como suas metodologias de ensino, objetivos, perspectivas e concepções. Por questões éticas, os professores foram consultados sobre como seriam representados ao longo da escrita do trabalho. O professor de percussão e violão escolheu ser denominado “Vieira” e a professora de flauta doce optou pela denominação “Ana Pagu”.

Ser docente no Projeto Rodarte a partir do olhar dos dois professores de música

O que eu pretendo aqui, inicialmente, é aumentar a autoestima deles [os alunos]. Mostrar para eles que o que eles fazem pode ser valorizado por outras pessoas. (DIÁRIO DE CAMPO, conversa com o professor Vieira, 14 maio 2015).

Em relação à formação e atuação docente, Ana Pagu é professora há mais de 25 anos, a maior parte do tempo em uma escola de educação especial. Estudou Educação Especial na Universidade Federal de Santa Maria e cursou pós-graduação em Psicopedagogia. Sua formação musical começou na época do ensino fundamental e médio, quando estudou no Instituto Municipal de Belas Artes da cidade de Bagé, RS. Na época da pesquisa, Ana Pagu trabalhava aproximadamente há cinco anos no Projeto Rodarte ministrando aulas de flauta doce.

Completando seis anos de atuação como professor de percussão e violão no Projeto, Vieira trabalha há mais de dez anos como professor de música e destacou a família como sua principal instituição formadora. O professor começou em um projeto de uma igreja de seu bairro dando aulas de violão e relatou ter adquirido experiência ensinando percussão em diversas escolas da rede municipal de ensino, no Programa Mais Educação², quando foi convidado a trabalhar no projeto social Rodarte. No ano da realização da pesquisa, Vieira ressaltou que estava participando de um curso de formação para professores no Polo Bagé, vinculado ao Projeto Música na Escola³.

Palavras como respeito, disciplina, autoestima e coletividade são muito recorrentes dos professores quando falavam sobre os objetivos da prática musical nas oficinas do Projeto por eles ministradas. O respeito às diferenças é visto pelos professores entrevistados

² O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

³ A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria com outras instituições, promoveu de abril a novembro de 2015 o curso de extensão "Música nas Escolas do Rio Grande do Sul: um programa de formação continuada para professores das redes públicas".

como uma condição básica para o aumento da autoestima dos alunos e, também, o respeito por suas distintas experiências de vida. Conceituando o termo inclusão nas discussões sobre projetos sociais, Souza (2014, p. 19) afirma que, nestes contextos, a música se torna “um canal de comunicação pelo qual as pessoas podem ser alcançadas, atingidas, compreendidas e apoiadas”.

Para Ana Pagu, é necessário que o professor tenha bom senso, jogo de cintura e aceitação, e que não se pode subestimar os alunos que ingressam no projeto por encontrarem dificuldades de aprendizado na escola:

Quando a gente vai trabalhar com o preconceito: ‘Ah, esses alunos são aqueles que não rendem nada’, não vai conseguir ensinar música. ‘Esses alunos são aqueles que ninguém quer na escola’, você não vai conseguir absolutamente nada (Ana Pagu, professora entrevistada).

Segundo Freitas e Weiland (2014, p. 80-81), uma das exigências profissionais para a atuação em programas de políticas públicas é a necessidade de “compreender os determinantes sociais, históricos e políticos responsáveis pela vida das pessoas e comunidades”. Ao falar da questão disciplinar, Vieira ressalta que busca o respeito através da cumplicidade, e não da autoridade, pois, segundo ele, “existem alunos que estão ou estiveram envolvidos com tráfico de drogas e diferentes problemas, e que não dá para simplesmente tratá-los como o restante da sociedade os trata”.

Metodologias e concepções de ensino desenvolvidas

Nas observações de aulas, conversas no campo de pesquisa com os professores e, também, nas entrevistas, foi possível perceber que a inclusão é o motivo condutor das práticas musicais no Projeto Rodarte. Incluir, portanto, constitui uma filosofia e um desafio que se relaciona diretamente às metodologias desenvolvidas pelos professores de música no projeto social. Ambos os professores revelaram, em diversos momentos, que buscam em seu trabalho desmistificar a ideia de “dom” para aprender música:

Nos dois lados da minha família tem músicos. Não acredito que exista pré-disposição para aprender música. Quando se vivencia algo desde pequeno, isto se torna natural. Não existe essa coisa de ‘dom’. Para mim, qualquer um pode fazer música (Fala do professor Vieira registrada em DIÁRIO DE CAMPO, 2 maio, 2015).

Os professores buscam diferentes estratégias para incluir sem que as diferenças entre os alunos gerem constrangimentos, valorizando a primeira aproximação dos alunos com o aprendizado musical através da prática coletiva. Outro recurso utilizado pelos docentes, principalmente quando ingressam alunos novos, é solicitar que aqueles que já compreenderam auxiliem os outros.

A imitação é um recurso didático muito utilizado tanto nas aulas de flauta, como nas de percussão e violão. Nas observações das aulas de percussão, muitas vezes foi possível ver o professor Vieira abordar trechos em que o grupo tinha dificuldades, reproduzindo os ritmos silabicamente para que os alunos pudessem entender e, depois, reproduzir as sequências. O movimento corporal, muito presente nas práticas percussivas, também é uma estratégia utilizada para marcar o pulso da música em estudo.

Foi possível compreender que os professores focam no “saber como o instrumento funciona”, trabalhando com o básico de conhecimento teórico para atrair os alunos pela prática. Mesmo os aspectos técnicos, geralmente, são trabalhados dentro da prática de repertório musical. Como afirma Ana Pagu, “é muito importante que com a técnica, com a questão da postura, com a própria questão da digitação, ali, que se introduza o quanto antes uma música pra que eles possam se perceber, não ficar o concreto muito distante”.

Sobre o repertório musical, Vieira afirmou sempre trabalhar com o que chama “o estilo Olodum⁴”, contextualizado aos temas escolhidos para as apresentações realizadas pelos alunos do Projeto Rodarte. Segundo ele, desde os primeiros trabalhos no Programa Mais Educação foi possível notar, em geral, interesse dos alunos sobre este tipo de percussão. Já a professora Ana Pagu escolhe as peças de acordo com a dificuldade, inicialmente priorizando peças musicais que utilizem somente a mão esquerda. O material disponível para o ensino de música no Projeto consiste em diferentes instrumentos musicais de percussão como surdo, repinique, timbal e caixa, além dos violões e flautas doces.

Em relação aos objetivos que os docentes têm com o ensino de música, destacou-se a importância de construir um sentimento de confiança. Para os dois professores, conscientizar os alunos do trabalho em grupo é estabelecer uma colaboração para um

⁴ O Olodum é um bloco-afro do carnaval da cidade do Salvador, na Bahia. Foi fundado em 25 de abril de 1979 durante o período carnavalesco como opção de lazer aos moradores do Maciel-Pelourinho. É uma organização não governamental (ONG) do movimento negro brasileiro. Tem sua sede localizada no Centro Histórico de Salvador, o Pelourinho, onde acontece a maioria das apresentações. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Olodum>

desenvolvimento coletivo, e não enfatizar as dificuldades individuais. Ana Pagu afirmou que é necessário que professores de projetos sociais entendam que “oportunar um conhecimento de música para o aluno não significa que ele vai querer ser um músico, que ele vai querer ser o professor de música”, mas ressalta que também é importante oferecer possibilidades para os alunos que visualizam essa perspectiva. Em entrevista, Vieira enfatizou que é importante que o trabalho em projetos sociais conquiste a atenção dos alunos. Segundo ele, antes de se iniciar um projeto de política pública, é necessário conhecer a realidade do contexto social para atrair a atenção dos jovens a partir de interesses já existentes:

Qual é a realidade daquela gurizada? A gurizada toda lá só gosta de capoeira e de hip-hop. Então, nós vamos fazer um projeto em cima da capoeira e do hip-hop. Aí é que está: ‘Ah, mas isso não vai resgatar ninguém.’ Depende do professor que vai estar trabalhando, o professor que vai trabalhar. Ele não tem que ir lá só ensinar hip-hop e capoeira. Ele vai fazer essa função, mas ele tem que ter uma visão social, ele tem que saber o que ele vai fazer (Vieira, professor entrevistado).

Nessa direção, Freitas (2014, p. 144) ressalta que é necessário conhecer as dimensões integrantes do contexto em que o trabalho se aplica, visando criar justificativas, objetivos e metodologias apropriadas ao “contexto social e territorial do plano de ação” e ao público-alvo ao qual o plano se direciona. Segundo a autora:

(...) tem se observado que nas diferentes entidades (Terceiro Setor, agências de financiamento de programas sociais) e instâncias (governamentais e não governamentais) sensíveis ao campo dos projetos comunitários já existe a preocupação de conhecer os reais problemas vividos pela população e de capacitar seus representantes como agentes comunitários externos para que possam desenvolver ações comunitárias de qualidade e socialmente relevantes (FREITAS, 2014, p. 146).

Outro aspecto mencionado por Freitas (2014) é que “todas as propostas de políticas públicas apresentam *diretrizes e objetivos estratégicos*⁵ para os diferentes projetos comunitários e sociais” e tais diretrizes tendem a “explicitar os pressupostos filosóficos que orientarão o fazer nos trabalhos sociais e comunitários” (FREITAS, 2014, p. 147).

Nessa perspectiva, a leitura social mencionada pelo professor Vieira também consiste em observar os alunos, buscando conhecê-los melhor. Para ele, além do conhecimento da

⁵ Grifo da autora.

área de música, é importante que o professor detenha a capacidade de identificar os conflitos presentes no cotidiano dos alunos.

Ao conversarmos sobre a estrutura necessária para o trabalho social com música, os professores enfatizaram que, por mais que as qualidades profissionais dos professores sejam determinantes, é imprescindível que existam condições apropriadas para que o trabalho se desenvolva efetivamente, conforme relatou Vieira:

(...) eu sei que é muito bonitinho tu olhar o pessoal pegar lata, bater, é bonito para um projeto, para mostrar em uma filmagem. Pra fazer um trabalho direito com as crianças, que elas continuem trabalhando e isso gere frutos, é preciso que tu tenha material adequado para trabalhar. (Vieira, professor entrevistado).

Considerações finais

De acordo com os professores e coordenadoras entrevistadas, o Projeto Rodarte foi criado com o objetivo de receber os alunos com dificuldade de aprendizado na escola, com a finalidade de desenvolver, através da prática de atividades artísticas, a autoestima, o respeito ao próximo, a disciplina e a desinibição.

Observar, ouvir e registrar os relatos e o cotidiano dos docentes atuantes no Projeto Rodarte possibilitou a reflexão acerca da amplitude de aspectos que a prática do ensino de música abrange no contexto dos projetos sociais. As metodologias, o repertório musical, os instrumentos musicais disponíveis, o ambiente em que as aulas acontecem e as relações pessoais construídas nesse contexto precisam ser desenvolvidas a partir das características e das necessidades das pessoas para as quais este tipo de política pública se destina. Portanto, é necessário que os docentes, e os diretores e administradores que atuam em projetos sociais, sejam capazes de ler a realidade durante o planejamento, aplicação e avaliação do trabalho realizado nesse espaço.

Foi possível perceber que as pessoas que atuam no Projeto Rodarte preocupam-se em oferecer aos alunos um espaço “diferente” da escola, seja no tipo de conteúdo disponível ou na maneira com que os saberes são abordados. No entanto, entendendo a educação como a formação do indivíduo de uma maneira mais abrangente que o aspecto conteudista, pode-se compreender que as questões sociais que devem ser refletidas no âmbito do trabalho nos projetos sociais também merecem ser amplamente consideradas no contexto escolar.

A pesquisa abre caminhos para futuros estudos não possíveis de serem contemplados por questão de tempo, porém pensados ao longo do seu desenvolvimento. Dentre essas possibilidades, compreender como os alunos entendem o projeto social do qual participam, de que forma a música é significativa em sua formação e, também, como as práticas musicais que acontecem no Projeto Rodarte se relacionam com o mundo vivido dos alunos e suas perspectivas de futuro.

Referências

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1994.

BOZZETTO, Adriana. *Projetos educativos de famílias e formação musical de crianças e jovens em uma orquestra*, 2012. 295 p. Tese, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FIALHO, Vania Malagutti. Ser professor de música em projetos sociais: aspectos da formação e da atuação. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Música, educação e projetos sociais*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Projetos comunitários e sociais: como construir planos de ação. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Música, educação e projetos sociais*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014, p. 137-159.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de; WEILAND, Renate Lizana. Música e projetos sociais e comunitários: o que as publicações da ABEM têm revelado? In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Música, educação e projetos sociais*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014, p. 63-83.

HIKIJ, Rose Satiko G. *A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens*. São Paulo: EDUSP, 2006.

KLEBER, Magali O. *A prática de educação musical em ONGS: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. Curitiba: Appris, 2014.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 1999; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 61-77.

NASCIMENTO, Antônio Dias. Projetos sociais e educação. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Música, educação e projetos sociais*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.

SOUZA, Fabrício Vieira. *A música no contexto de um projeto social na cidade de Bagé, RS: um estudo no Projeto Rodarte*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Música: Licenciatura), Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2015.

SOUZA, Jusamara. Música em projetos sociais: a perspectiva da sociologia da educação musical. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Música, educação e projetos sociais*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014, p. 11-26.